

O Sopro de memórias

.LARA AVERY.

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Alloy Entertainment
Publicado mediante acordo com Rights People, Londres.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de *Poemas*, de W.B.Yeats, foi retirada da edição da Companhia das Letras (1992),
com tradução de Paulo Vizioli.

TÍTULO ORIGINAL The Memory Book

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Paula Lima

REVISÃO Lasissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Avery, Lara

O livro de memórias / Lara Avery ; tradução
Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: The Memory Book.
ISBN 978-85-5534-017-8

1. Literatura juvenil I. Título.

16-05770

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Se você está lendo isso, deve estar se perguntando quem você é. Vou dar três dicas.

Dica 1: você acabou de passar a noite em claro para terminar um trabalho de literatura avançada sobre *A Bíblia envenenada*. Caiu no sono rapidamente enquanto escrevia e sonhou que estava beijando James Monroe, quinto presidente e proclamador da Doutrina Monroe.

Dica 2: estou escrevendo isso para você do sótão, perto da pequena janela redonda, você sabe qual é, na extremidade leste da casa, onde o teto quase encontra o chão. As Montanhas Verdes voltaram a ficar verdes recentemente, depois de um degelo tardio de neve lamacenta na primavera, e você mal consegue ver o Cachorrinho no amanhecer ainda escuro, dando suas voltas matutinas, subindo e descendo a lateral de nossa encosta do seu jeito alegre e à toa. Parece que as galinhas precisam comer.

Acho que eu deveria ir alimentá-las. Galinhas idiotas.

Dica 3: você ainda está viva.

Já sabe quem você é?

Você sou eu, Samantha Agatha McCoy, em um futuro não muito distante. Estou escrevendo para você. Dizem que minha memória nunca mais será a mesma, que vou começar a esquecer as coisas. Só um pouco no início, depois muito. Então estou escrevendo para lembrar.

Não vai ser um diário nem nada parecido. Em primeiro lugar, é um arquivo de Word no pequeno notebook que levo comigo para todos os lugares, então, vamos deixar o sentimentalismo de lado. Em segundo, já imagino que, quando eu terminar de escrever (talvez nunca), o conteúdo vai exceder o tamanho de um diário comum. É um livro. Tenho uma capacidade natural para escrever demais. Por exemplo, o trabalho sobre *A Bíblia envenenada* devia ter cinco páginas e acabou com dez. Outro exemplo: respondi a todas as perguntas descritivas possíveis no formulário de inscrição da Universidade de Nova York para que o comitê de admissões tivesse opções. (Deu certo: eu entrei.) Outra coisa: escrevi e edito com frequência a página da Wikipédia do colégio Hanover, provavelmente a página de escola da Wikipédia mais longa e abrangente do país, o que é engraçado, porque, tecnicamente, eu nem deveria estudar no Hanover pois, como você sabe (eu espero), não moro em New Hampshire, e sim em Vermont, mas, como você também sabe (eu também espero), South Strafford é uma cidade com quinhentos habitantes e não posso estudar na lojinha que é a escola local. Então comprei a antiga picape do papai a prestação e encontrei algumas brechas na política distrital.

Estou escrevendo este livro para você. Como pode esquecer qualquer coisa tendo este arquivo conveniente como referência? Considere isso como seu verbete de enciclopédia. Não, considere como seu dicionário.

Samantha (substantivo próprio, nome): Samantha é um nome americano e hebraico. Em inglês, significa “aquela que ouve”. Em hebraico, significa “ouça, nome de Deus”.

Ouça, nome de Deus... isso não deveria ser sentimentaloides, mas talvez tenha que ser. Tentamos trabalhar com sentimentos no ensino fundamental e não demos a mínima, mas eles deram um jeito de aparecer em nossa vida de novo.

Os sentimentos voltaram ontem, na sala da sra. Townsend.

Sra. Townsend (substantivo próprio, pessoa): orientadora escolar que permitiu que você fizesse as provas para cursar todas as matérias avançadas que você quis cursar, mesmo sem tempo em sua agenda, e informou sobre todas as bolsas existentes, de modo que não teve de levar seus pais à falência. Ela parece uma versão mais cansada da Oprah e, à exceção da senadora Elizabeth Warren, é sua heroína.

Bem, eu estava na sala da sra. Townsend, me certificando de que não havia perdido nenhum prazo, porque mamãe e eu tivemos que ir a um geneticista em Minnesota duas vezes no último mês. Eu nem tive férias de verdade na primavera. (Escrevendo assim, até parece que eu sempre aproveitava as férias de primavera. Mas realmente esperava conseguir me preparar bem com Maddie para a etapa nacional do torneio de debates, que é no mês que vem.)

Vou tentar reconstruir a cena:

Paredes brancas cobertas de cartazes antigos com os dizeres “LEITE: FAZ BEM PARA A SAÚDE”, herança do último orientador, porque a sra. Townsend esteve tão ocupada desde que começou, cinco anos atrás, que não teve tempo de trocá-los. Eu, sentada em um bloco acarpetado que deveria ser uma versão descolada e moderna de uma cadeira, mas, na verdade, não passa de um bloco. À minha frente, a sra. Townsend vestindo um suéter amarelo, com cabelo volumoso com muitos cachos pretos.

Eu estava pedindo uma prorrogação de vinte e quatro horas no prazo de entrega do trabalho sobre *A Bíblia envenenada*.

Sra. T: Por que você precisa de uma prorrogação?

Eu: Eu tenho uma coisa.

Sra. T (*olhando fixamente para a tela do computador*): Que coisa?

Eu: Procure “Niemann-Pick tipo C” no Google.

A sra. Townsend digita e começa a ler.

Sra. T (*murmurando*): Como assim?

Vi seus olhos se movimentando pela tela. Direita, esquerda, direita, esquerda. Eu me lembro disso.

Eu: É muito raro.

Sra. T: O que é isso, “Neeber Pickens”? É uma piada?

Tive que rir, apesar de ela estar franzindo o rosto, ainda lendo.

Eu: Niemann-Pick tipo C. É demência, basicamente.

A sra. Townsend desvia o olhar do computador, boquiaberta.

Sra. T: Quando você recebeu o diagnóstico?

Eu: Há dois meses, inicialmente. Foi um processo de idas e vindas para confirmar. Mas, sim, eu com certeza tenho isso.

Sra. T: Você vai ter perda de memória? E alucinações? O que aconteceu?

Eu: É genético. Minha tia-avó morreu disso quando ela era muito mais nova do que sou agora.

Sra. T: Morreu?

Eu: É comum entre franco-canadenses, e minha mãe é franco-canadense, então...

Sra. T: Desculpe... morreu?

Eu: Eu não vou morrer.

Acho que ela não ouviu a parte em que eu disse que não ia morrer, mas pode ter sido melhor assim, porque, a essa altura, é

algo que não posso confirmar nem negar. O que eu sei e esqueci de contar à sra. Townsend (desculpe, sra. T) é que é muito raro pessoas da minha idade apresentarem sintomas (sem tê-los apresentado quando eram mais novas). Normalmente, crianças têm isso quando são muito novas e seu corpo não consegue lidar com a deformação. Então, estamos lidando com uma “cronologia diferente”, disse o médico. Perguntei se isso era bom ou ruim. “No momento, acredito que seja bom.”

Sra. T (*mão na testa*): Sammie, Sammie.

Eu: Estou bem por enquanto.

Sra. T: Ai, meu Deus. Sim, mas... você está se consultando com alguém? Como seus pais estão lidando com isso? Precisa ir para casa?

Eu: Sim. Bem. Não.

Sra. T: Peça para eles me liguem.

Eu: Está bem.

Sra. T (*jogando as mãos para o alto*): E você me diz isso pedindo prorrogação do prazo de entrega do trabalho de literatura? Você nem precisa fazer o trabalho, pelo amor de deus! Posso ligar para a srta. Cigler agora.

Eu: Não, tudo bem. Vou fazer hoje à noite.

Sra. T: Eu ligaria para ela com prazer, Sammie. Isso é sério.

É, acho que é sério. A Niemann-Pick (são três tipos — A, B e C — e eu tenho o C, comumente chamado de NP-C, o único C que já recebi, ha-ha-ha) acontece quando o tipo errado de colesterol se acumula no fígado e no baço e, como consequência, ocasiona uma série de obstruções no cérebro. O acúmulo atrapalha a cognição, a função motora, a memória, o metabolismo — tudo e mais um pouco. Ainda não tenho nada disso, mas venho apresentando

sintomas há mais ou menos um ano, aparentemente. É interessante o nome que eles dão a coisas que eu achava que não passavam de tiques estranhos. Às vezes, tenho uma sensação de sonolência depois que dou risada: é cataplexia. Às vezes, quando tento pegar o saleiro, eu não consigo: é ataxia.

Mas isso não é nada se comparado à perda de memória. Como você sabe (a esperança é a última que morre!), sou da equipe de debate. A memória é meio que o meu forte. Eu nem sempre fui debatedora, mas, se não tivesse entrado para a equipe quatro anos atrás, falando sério, provavelmente estaria viciada em maconha. Ou em fan fiction erótica. Ou em algo do tipo. A história é a seguinte:

Era uma vez você com catorze anos, Sam do Futuro. Você não era nada popular (continua não sendo) e se sentia alienada, como se não houvesse lugar para você no colégio. Seus pais não te compravam roupas legais, você era a primeira a perder nos jogos de queimada, não sabia que era preciso se desculpar depois de arrotar e tinha se transformado em uma enciclopédia humana de feras míticas e veículos espaciais cientificamente impossíveis. Simplificando: você se importava mais com o destino da Terra Média do que com o da Terra de verdade.

Então, sua mãe te obrigou a participar de algum clube, e a equipe de debate era a primeira mesa na feira de clubes. (Gostaria que tivesse sido um clube mais interessante.) Bem, tudo mudou. O cérebro que você usava para memorizar espécies de alienígenas passou a ser usado para memorizar o desenvolvimento do pensamento humano, acontecimentos, linhas de pesquisa que conectavam sua casa minúscula no meio das montanhas a uma imensa cronologia, tão cheia de injustiça e triunfo quanto as histórias que você adorava, só que real.

Além do mais, você era boa nisso. Tantos anos devorando livros serviram para que você se tornasse capaz de olhar para um trecho

e repeti-lo palavra por palavra só dez minutos depois. Sua falta de delicadeza era uma vantagem, porque não é necessário ser educado para mostrar seu ponto de vista. Os debates fizeram você perceber que não era preciso se perder em mundos inventados para conhecer a vida fora do Upper Valley. Eles te deram a esperança de que poderia ser você mesma e ainda fazer parte do mundo real. Eles te fizeram se sentir *cool* (apesar de ainda não ser popular). Eles te fizeram querer melhorar na escola para que, quando chegasse ao mundo real, pudesse trabalhar de fato com todas as questões que debatia.

Desde então, eu me incluí com orgulho entre as pessoas que perambulam pelos corredores da escola aos fins de semana, falando consigo mesmas e sem parar sobre questões de justiça social. Sim, os esquisitos que acham legal ler todos os resultados de uma busca na internet, com milhares de artigos sobre Roe versus Wade, e recitá-los num púlpito de frente para outra pessoa, em uma batalha que dura até a morte retórica. Os que se consideram advogados adolescentes, os que usam ternos. Eu adoro.

E é por isso que não saí da equipe, embora agora gagueje um pouco nos treinos, dê desculpas quando preciso faltar às sessões de pesquisa para ir a consultas médicas e tenha que, você sabe, incentivar a mim mesma em frente ao espelho para os torneios. Antes de tudo isso acontecer, minha memória era meu bilhete premiado. Minha capacidade de memorizar coisas me rendeu bolsas de estudo. Minha memória me fez vencer o Concurso de Soletrar do Condado de Grafton quando eu tinha onze anos. E agora ela vai desaparecer. Isso é, tipo, inconcebível para mim.

ENFIM.

De volta à sala, de onde posso ouvir pessoas no corredor gritando umas com as outras sobre alguma idiotice.

Eu (*me sobrepondo ao barulho*): Tudo bem. Ah, e a senhora pode me dar o nome daquele aconselhamento para o curso preparatório de direito de novo? Sei que só alunos do terceiro ano da faculdade podem participar, mas acho que eu poderia...

A sra. T solta um engasgo abafado.

Eu: Sra. T?

A sra. T tira lenços de papel da gaveta e começa a secar os olhos.

Eu: A senhora está bem?

Sra. T: Eu simplesmente não consigo acreditar.

Eu: É. Tenho que ir para a aula de cerâmica agora.

Sra. T: Sinto muito. Isso é chocante. (*pigarreando*) Você vai precisar perder mais aulas?

Eu: Não até maio, perto das provas finais. Vou fazer uma viagem rápida para uma consulta com o especialista. Provavelmente só um checkup.

Sra. T: Você é muito forte.

Eu (*começando a pegar minhas coisas e me preparando para sair*): Eu tento ser.

Sra. T: Eu conheço você desde que era uma garotinha de catorze anos com seus pequenos óculos (*posiciona os dedos em forma de círculo ao redor dos olhos*).

Eu: Eu ainda uso óculos.

Sra. T: Mas são óculos diferentes. Mais sofisticados. Você parece uma jovem mulher agora.

Eu: Obrigada.

Sra. T: Sammie, espere.

Eu: Está bem.

Sra. T: Você é muito forte, mas... Mas, considerando tudo isso... (*sua voz começa a falhar novamente*)

A essa altura, comecei a sentir um desconforto no fundo da garganta que na hora atribuí aos efeitos colaterais do analgésico. A sra.T realmente sempre me apoiou desde o início do ensino médio. Ela era a única adulta que me escutava de verdade.

É claro, meus pais tentavam, mas não conseguiam nem durante cinco minutos, uma vez que precisavam trabalhar, alimentar meus irmãos mais novos e consertar algum buraco na porcaria de casa que tínhamos ao lado de uma montanha. Eles não se importam com nada que eu faça, contanto que não deixe meus irmãos definharem e cumpra minhas tarefas. Quando eu disse à sra. Townsend que ia vencer o torneio nacional de debate, entrar na NYU e ser advogada especializada em direitos humanos, a primeira coisa que ela disse foi: “Vamos fazer isso acontecer”. Ela era a única que acreditava em mim.

Então, o que ela disse em seguida, correndo o risco de ser melodramática, foi como enfiar a mão pelo meu esôfago e apertar meu coração.

Sra. T: Você acha que vai dar conta da faculdade?

Explosões dentro da minha cabeça.

Eu: O quê?

Sra. T (*apontando para a tela do computador*): Isso... bem, vou ler mais sobre a doença, mas... parece que afeta tudo. Pode causar danos sérios.

Eu: Eu sei.

E essa é a questão. Eu conseguia lidar com a parte da saúde, mas não tire meu futuro. Meu futuro tinha sido tão bem planejado às custas de muito trabalho. Eu me esforcei durante anos para entrar na NYU e agora estava na reta final. Só de pensar que a sra. Townsend podia considerar minha desistência, mesmo de leve, ficava tomada de raiva.

Sra. T: E, além de tudo, sua memória vai piorar. Como você vai para a aula com tudo isso? Você pode...

Eu: Não!

A sra. T deu um salto. Então foi a minha vez de começar a lacrimejar. Meu corpo não estava acostumado a chorar, então as lágrimas não eram gotas límpidas como as de uma modelo, como achei que seriam. Eu tremi muito e a água salgada se acumulou nos meus óculos. Fiquei surpresa com o barulho estranho que saiu do fundo da minha garganta.

Sra. T: Ah, não. Não, não. Sinto muito.

Eu devia ter aceitado as desculpas e seguido em frente, mas não consegui. Gritei com ela.

Eu: Eu NÃO vou deixar de ir para a faculdade.

Sra. T: É claro que não.

Eu (*fungando*): Eu NÃO vou ficar em Strafford, andando por aí em um quadriciclo motorizado, trabalhando em uma estação de esqui e fumando maconha e indo à igreja e tendo toneladas de filhos e cabras.

Sra. T: Eu não disse isso...

Eu (*com o nariz escorrendo*): Eu consegui vir para Hanover, não consegui? Entrei na NYU, não entrei? Sou a oradora da turma!

Sra. T: Sim, sim, mas...

Eu: Então vou dar conta da faculdade.

Sra. T: É claro! É claro.

Eu (*limpando meleca de nariz na manga da camisa*): Meu deus, sra. Townsend.

Sra. T: Use um lenço, querida.

Eu: Vou usar a superfície que quiser!

Sra. T: É claro que vai.

Eu: Eu não chorava desde que era bebê.

Sra. T: Isso não pode ser verdade.

Eu: Eu não chorava há muito tempo.

Sra. T: Bem, não tem problema chorar.

Eu: É.

Sra. T: Se precisar conversar comigo de novo, pode vir. Não sou apenas um recurso acadêmico.

Eu (*saindo*): É, legal. Tchau, sra. T.

Saí da sala da Sra. Townsend (de maneira perfeitamente normal, obrigada), faltei à aula de cerâmica e fui direto para casa fazer meu trabalho até me livrar dos sentimentos. Ou pelo menos até que os sentimentos e eu nos distanciássemos alguns quilômetros.

Eu chorei porque nunca estive tão assustada na vida. Temo que a sra. Townsend tenha razão. Visualizo uma vaga forma cinzenta, que suponho ser meu cérebro dentro da minha cabeça, mas, em vez disso, ele vai ser como uma bolha que está fora de mim, vazia, que não vou ser capaz de usar.

E estou cansada.

Tipo, quer levar meu corpo? Tudo bem, eu não estava usando mesmo. Tenho uma bunda enorme sobre pernas de avestruz, cabelo típico de uma foto de “antes” de uma transformação e olhos estranhos cor de café com leite, como um frappuccino. Mas não meu cérebro, minha verdadeira ligação com o mundo.

Por que não posso definir lentamente e andar por aí em uma cadeira de rodas automática, declamando meu brilhantismo por meio de uma caixa de voz computadorizada, como Stephen Hawking?

Argh! Só de pensar já fico...

g;sodfigs;ozierjgserg

Não sei outra forma de expressar. E não gosto de não saber. Nada. Não gosto de não saber em geral. Eu deveria sempre ser capaz de saber.

E é aí que você entra, Sam do Futuro.

Preciso que você seja a manifestação da pessoa que eu sei que vou ser. Posso vencer isso, sei que posso, porque quanto mais registro para você, menos vou esquecer. Quanto mais escrevo para você, mais real você se torna.

Então tenho muito a fazer hoje. É quarta-feira de manhã. Tenho que ler sete artigos sobre as condições de vida de quem recebe salário mínimo. Tenho que ligar para Maddie e lembrar que ela precisa ler esses artigos também, porque, durante os três anos em que fomos parceiras de debate, ela sempre teve o péssimo hábito de “improvisar” porque acha que tem um dom divino para iniciar argumentações. (Ela tem, às vezes.) As galinhas idiotas ainda precisam comer. A janela está meio aberta. Sinto cheiro de orvalho e ar fresco vindo das Montanhas Verdes. Ninguém acordou em casa, mas logo todos vão estar de pé. E, veja, o sol está nascendo! Pelo menos disso eu sei.

SAM DO FUTURO

- Atende por “Sam” ou “Samantha”.
- Só come oleaginosas e frutas vermelhas.
- Usa óculos modernos (ou talvez lentes de contato?).
- Usa roupas sob medida, apenas em cores neutras, azul ou preto.
- Só ri de vez em quando e sempre em volume baixo.
- Sai para tomar um drinque toda semana com um grupo de mulheres espirituosas e profissionalmente competentes.
- Lê o *New York Times* na cama, vestindo um roupão branco macio.
- É reconhecida por pessoas na rua, que dizem que aquele artigo sobre desenvolvimento internacional mudou suas vidas.

SAMMIE DO PRESENTE

- Atende por “Sammie” porque ninguém em casa/ na escola vai se acostumar a me chamar de Sam (exceto Davy, mas, com a língua presa, parece “Tham”).

- Come qualquer coisa que coloquem na sua frente, incluindo uma fruta falsa, por acidente, em um evento da igreja.
- Os óculos não são ruins, apenas “dourados”, “gigantescos” e possivelmente muito anos 70.
- Usa qualquer camiseta grátis de eventos da escola que não tenha sido visivelmente babada por um dos organismos menores da casa.
- Ri do Bob Esponja e de piadas de peido, mesmo quando contadas por pessoas idiotas (não consigo evitar, acho engraçado de verdade).
- Minha melhor amiga é Maddie, mas não tenho certeza se somos amigas de verdade ou se, depois de passar tanto tempo na sala de política, viramos amigas por tabela. E, cá entre nós, o ego dela é muito acima da média.
- Lê o *New York Times* no Lou’s quando outras pessoas jogam fora porque meu pai e minha mãe se recusam a comprá-lo.
- Ganha cumprimentos entusiasmados da equipe de debate, o que é um começo, pelo menos.

O que provavelmente a sra. Townsend leu

Página da Wikipédia sobre NP-C:

Entre os sinais neurológicos estão ataxia cerebelar (andar instável com movimentos descoordenados dos membros), disartria (fala arrasada), disfagia (dificuldade para engolir), tremores, epilepsia (parcial e generalizada), paralisia vertical supranuclear (paralisia dos movimentos oculares verticais, paralisia dos movimentos sacádicos), inversão do sono, cataplexia gelástica (perda repentina do tônus muscular, que leva a quedas), distonia (movimentos ou posturas anormais causados pela contração dos músculos agonistas e antagonistas nas articulações) — normalmente começa quando um pé vira ao caminhar (distonia de ação), podendo se espalhar e se tornar generalizada —, espasticidade (aumento velocidade-dependente no tônus muscular), hipotonia, ptose (queda da pálpebra superior), microcefalia (cabeça menor do que o padrão), psicose, demência progressiva, perda de audição progressiva, transtorno bipolar, transtorno depressivo maior e psicótico — pode incluir alucinações, delírios, mutismo ou estupor.

Página da Wikipédia sobre NP-C depois que eu editei:

Você está fodido.

(Foi retirado logo em seguida e todos os meus direitos de edição foram suspensos, mas valeu a pena.)

Filósofos brancos do sexo masculino
que eu/ você beijaria
(com base em seus retratos)

- Søren Kierkegaard: aqueles lábios.
- René Descartes: nunca disse não a um homem de cabelo comprido.
- Ludwig Wittgenstein: o penteado, o nariz reto, os olhos profundos e sábios.
- Sócrates: aquela barba...